

# A nova arquitetura que surge na Asa Norte

*Arquitetos tentam driblar as limitações do plano urbanístico da cidade com soluções criativas*

FOTOS: VANDERLEI POZZEMBOM

Os novos blocos comerciais das entrequadras da Asa Norte estão brincando do jeito que podem para quebrar a monotonia da arquitetura de Brasília. Asfixiados pelas projeções de gabaritos pre-determinados, os arquitetos da cidade inventam moda nas fachadas dos prédios misturando cores, inovando nos materiais, dentro dos dois mil 500 metros quadrados estipulados para cada bloco pelo plano urbanístico da cidade. Algumas dessas ousadias são “exageradamente escandalosas”, define o premiado arquiteto Elvin Mackay Dubugras, um pioneiro atraído pelas possibilidades que a arquitetura moderna de Oscar Niemeyer oferecia na década de 60.

As construtoras se antecipam aos blocos residenciais que estão sendo construídos ou em vias de construção nas projeções da Asa Norte e erguem prédios pensando no gosto da classe que ainda consegue comprar um apartamento no Plano Piloto. A cerâmica substitui a alvenaria tradicional, vidros fumê dão idéia de refinamento, desenhos geométricos e colunas enfeitam a fachada. Há os que pecam pelo excesso e o que pretendia ser chique vira *kitsch*.

Os gabaritos preestabelecidos pelo Departamento de Urbanismo da Secretaria de Desenvolvimento Urbano retiram a liberdade dos arquitetos. O número de pavimentos, as galerias, a parte superior saliente, a forma reta e quadrada, tudo vem fixado. “É como dar ao cozinheiro a liberdade de apenas colocar o enfeite no bolo”, compara Dubugras. Como a receita do bolo já vem pronta e é proibido alterá-la, o cozinheiro pode não resistir à tentação de enfeitar demais a iguaria.

Foi Dubugras quem deu o pontapé na direção das inovações dos bloquinhos das entrequadras comerciais. O Gemini Center, na 107 Norte, chamou a atenção mas foi o Boulevard 309 quem fez escola. O segredo dos dois blocos, é terem disciplinado a instalação dos letreiros das lojas e urbanizado o entorno. A pracinha com *playground* construída ao lado de um dos prédios e a calçada com jardins separando um prédio de outro foi idéia de Dubugras que o cliente aceitou e pagou.

**Neon e tinta** — Construídos ao lado de um dos mais suntuosos prédios de apartamento da Asa Norte, O *Mont Blanc*, na 310, — duplex e triplex vendidos a 500 mil dólares (Cr\$ 90 milhões) —, os blocos Boulevard trouxeram outra inovação: os letreiros foram disciplinados por um painel que contorna toda a construção. Com esse cuidado, o arquiteto facilitou a vida dos comerciantes, que travam briga de foice por espaços de propaganda, suavizou a vista dos consumidores atordoados com a profusão de letreiros, e impediu que seu projeto sumisse na parafernália de *neon* e tinta.

O arquiteto Milton Ramos, outro nome premiado e respeitado na profissão, viu seu projeto da 313 Norte ser desvirtuado pelos condôminos que o transformaram num grande boló de noiva. “Tiraram toda a unidade do projeto e virou uma bagunça generalizada”, reclama o arquiteto e com razão. Basta comparar dois projetos idênticos de Milton Ramos — um na 202 Norte e outro na 313 — para entender o que ele está falando. Os estragos causados no bloco da 313 pelos letreiros, toldos, mesas, cadeiras e demais apetrechos para cooptar o consumidor são evidentes. O bloco da 202, em fase final de construção, ainda inabitado, mantém realçados os delicados acabamentos em madeira, como pretendia o autor do projeto.

Para evitar que seu projeto ainda em construção na 310 Norte virasse outro chapéu de Carmem Miranda, o arquiteto César Barney, autor do Brasília Trade Center e do Naom Plaza Hotel, impôs a seu cliente a autonomia para vetar decoradores e paisagistas que porventura não acompanhassem o estilo de seu projeto.

De arquitetura mais agressiva, o bloco é



O arquiteto Elvin Dubugras, autor do projeto do Boulevard Center, da 309 norte, pioneiro nas inovações

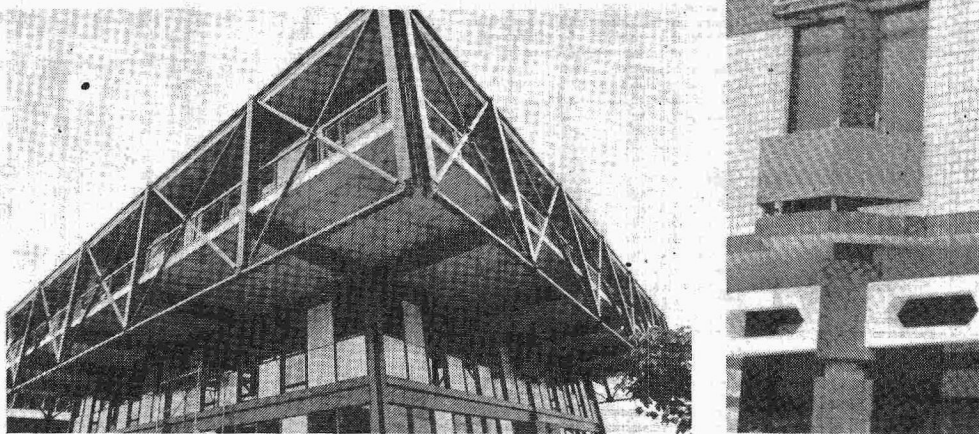
revestido em cerâmica azul *gendarme* (da cor dos uniformes dos policiais franceses) e branco, com sacadas em outro tom de azul. Barney também conseguiu convencer seu cliente que o prédio não termina na calçada, que o entorno é importante. O bloco terá jardins, escadas e calçadas com o mesmo tratamento da estrutura principal. O prédio de colunas largas tem outro atrativo na parte interna. Um átrio com cobertura em vidro (semelhante ao do ParkShopping) cria um ambiente menos árido para os lojistas do subsolo.

**Atrevimento** — Da novíssima geração dos bloquinhos das comerciais um se destaca pelo atrevimento. O arquiteto Sérgio Fittipaldi projetou e a Paulo Octávio bancou um prédio de estruturas metálicas à mostra. O que comumente fica coberto de tijolos, no Business Center, na 110 Norte, está visível desde a fundação até a cobertura. As vigas de sustentação das varandas também estão descobertas, inovações que, segundo o gerente de projetos da construtora, Ricardo Siqueira Pinto, poderão ser repetidas em outros blocos comerciais da empresa.

Com o esqueleto intencionalmente exposto, o Business Center tem as paredes revestidas em cerâmica rosa, criando agudo contraste com o cinza-quase-preto da estrutura metálica. Para arrematar a ousadia, o pavimento superior é todo revestido por uma estrutura metálica em forma de cano, em tom marrom-avermelhado. O projeto radicaliza no uso da estrutura aparente e, de acordo com Ricardo Siqueira, tem vantagens econômicas. Não há desperdício de material, como nas obras convencionais e gasta-se menos tempo e mão-de-obra.

Se não há unanimidade quanto ao bom gosto dos prédios pelo menos a cidade saiu ganhando em dois aspectos: os prédios estão sendo feitos com fachadas em cerâmica, mais difíceis de serem desgastadas pelo tempo, e muitos deles têm sido rodeados por pracinhas e calçadas construídas pela iniciativa privada em áreas públicas abandonadas. Os novos prédios correm menos riscos de ficar pálidos e descascados como tantos outros e as áreas entre os blocos ficam livres de mata-gais, lama e lixo.

■ Conceição Freitas



Novos materiais substituem as velhas formas dos centros comerciais locais da Asa Norte

## UM FRACASSO



Mais para mesquita árabe do que para centro comercial, os blocos das entrequadras 205/206 Norte são o exemplo típico de uma inovação arquitetônica que definitivamente não deu certo. Os arcos multiplicados escurecem a visão para o transeunte e há falta de espaços para vitrines. A tentativa de obedecer ao projeto original de Lúcio Costa, de construir o comércio voltado para dentro das quadras, também confirmou-se ineficaz. Os letreiros desordenados que tanto enfeiam as outras quadras comerciais tentam aqui reverter a sisudez desses dois estranhos blocos.